VISÃO DO CORREIO

Direitos humanos sem base técnica

Em um novo capítulo da escalada da tensão entre Brasília e Washington, a diplomacia estadunidense divulga relatório afirmando que o Brasil vive um momento de "declínio" dos direitos humanos — conclusão feita a partir de "relatos confiáveis" de crimes como assassinatos arbitrários e ilegais, torturas, restrições à liberdade de imprensa e repressão ao debate democrático. Falta embasamento para as graves acusações, e sobram críticas ao Judiciário e ao Executivo brasileiro, deixando evidente que o documento tem, na verdade, pretensões políticas.

A interpretação seletiva não é exclusiva à análise da situação brasileira. Reconhecido internacionalmente por traçar um cenário técnico sobre o respeito aos direitos humanos pelo mundo, o relatório elaborado na chamada gestão Trump 2.0 não se presta ao objetivo tradicional. Perde, portanto, profundidade — tem um quarto do tamanho da edição anterior, feita no governo Biden — e cai no descrédito.

A leitura da nova avaliação do Departamento de Estado americano leva, por exemplo, à conclusão de que El Salvador vive um momento de avanço na garantia dos direitos fundamentais, sem "relatos confiáveis de violações significativas dos direitos humanos" em 2024 e uma investida do presidente Nayib Bukele para "identificar e punir autoridades que cometeram violações". Organizações reconhecidas na área, como a Human Rights Watch, relatam o contrário.

Menor que o Sergipe, El Salvador, na América Central, tem a maior taxa de encarceramento do planeta. A política de tolerância zero adotada por Bukele, um aliado de Trump, é entendida por especialistas como um regime de exceção que levou mais de 81 mil pessoas à prisão — sendo 3 mil menores de idade — e funciona à base de detenções sem mandado, torturas e falta de acesso a advogados, entre outras atrocidades. Bukele se autointitula o "ditador mais legal do mundo" e recebe dinheiro da Casa Branca para receber deportados em suas penitenciárias.

Outro desencontro de interpretações tem como palco a Faixa de Gaza. A constatação de que a população do conclave é vítima de um genocídio e, consequentemente, a pressão pelo fim do crime humanitário crescem pelo mundo. Mas o relatório americano se limita a apontar que "as organizações terroristas Hamas e Hezbollah continuam a atacar indiscriminadamente civis israelenses, violando a lei dos conflitos armados". Em outro trecho, acusa a África do Sul de cometer genocídio e racismo contra a população branca, uma das pautas sem fundamento da extrema-direita.

França, Reino Unido e Alemanha também não são poupados. Lá, a "deterioração" dos direitos humanos se dá sobretudo em relação a violações na liberdade de expressão, na avaliação da diplomacia estadunidense. Curiosamente é também no continente europeu onde há importantes avanços na responsabilização das big techs sobre conteúdos criminosos publicados nas redes sociais.

Não faltam evidências, portanto, de que os Estados Unidos fazem um retrato comprometido dos direitos humanos pelo mundo. Sem, inclusive, olhar para questões internas. Há de se destacar que, no mesmo dia em que o relatório de viés ideológico foi divulgado, o chefe do Pentágono compartilhou um vídeo defendendo o fim do voto feminino e homens da Guarda Nacional desembarcaram em Washington para acabar com a "trágica emergência de segurança" na capital, que, segundo dados oficiais, tem o menor índice de criminalidade dos últimos 30 anos.

Para além dos embates políticos potencializados pelo novo documento, há o risco de prejuízos justamente na condução de questões humanitárias. A reconhecida qualidade técnica do relatório o alçou ao status de referência em tribunais internacionais. A versão atual, sem base técnica, perde tal importância. Assim, Trump dá novo golpe no sistema internacional de promoção da cooperação e da paz, a exemplo do movimento de enfraquecimento da OMS orquestrado antes mesmo de assumir a presidência.

CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Punições quase inócuas

Mãe e padrasto condenados por tortura e homicídio de bebê. Achei que tinha lido notícia repetida na sexta-feira. Não tinha. Em um intervalo de duas semanas, dois casais, um do Rio de Janeiro e outro de Goiás, foram sentenciados por barbáries contra crianças.

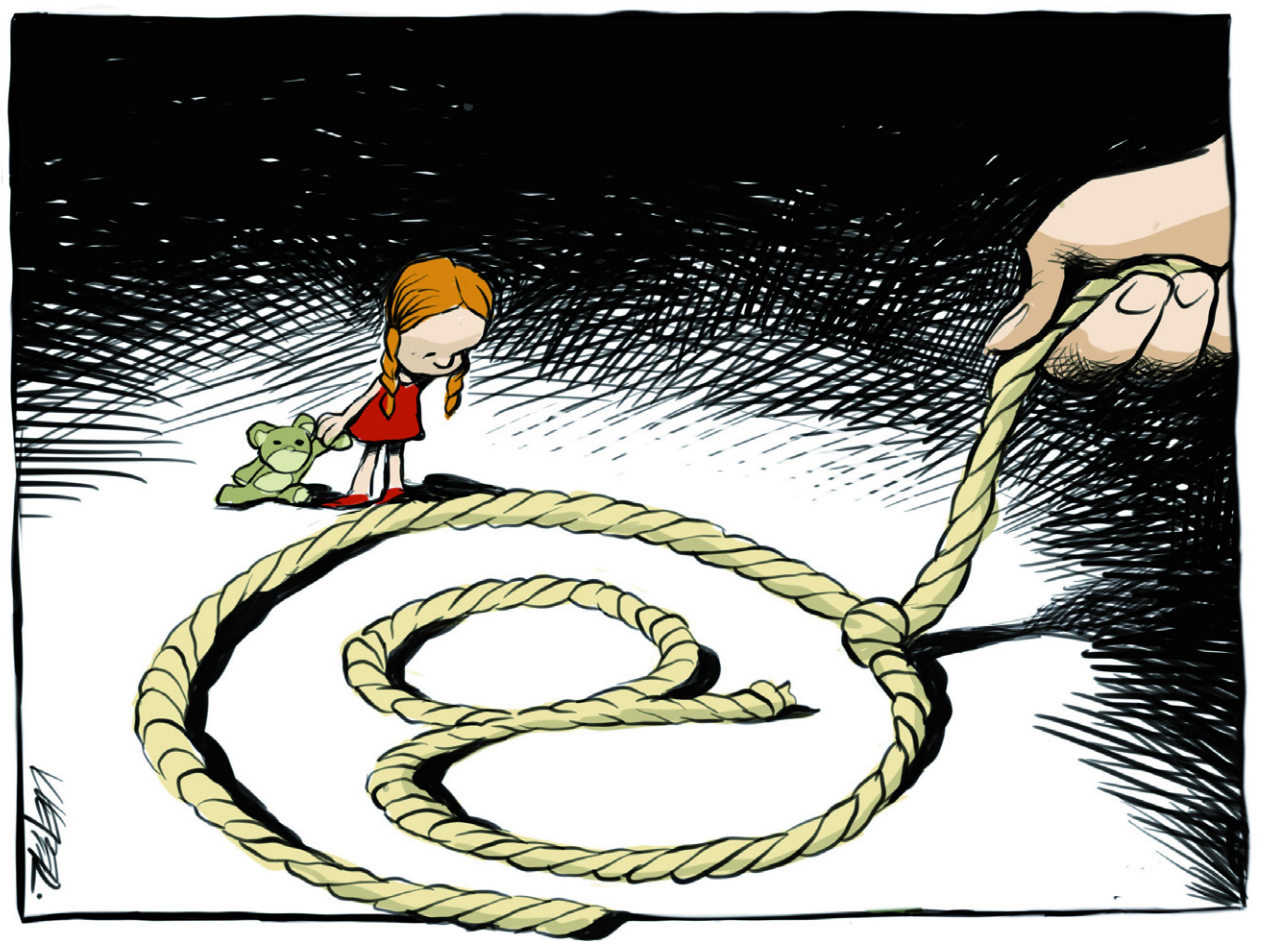
No dia 8 passado, os assassinos de uma menina de 2 anos receberam condenações que, somadas, ultrapassam 100 anos — o padrasto, 52 anos de prisão; a mãe, 50. A criança foi espancada até a morte em agosto de 2023, em São Gonçalo (RJ). Segundo a investigação, ela vinha sofrendo agressões antes da violência final, mas a mãe, mesmo ciente do sofrimento da filha, nada fez para impedir.

O crime em Goiás aconteceu em abril de 2024. Um bebê de 1 ano deu entrada no hospital com sinais de espancamento e não resistiu aos ferimentos. Os médicos também constataram diversas mordidas pelo corpo, unhas da mãos roxas, queimaduras de cigarro e unhas dos pés arrancadas. A investigação mostrou que o garotinho sofreu torturas por cerca de 30 dias. Em 23 de julho último, o padrasto foi condenado a 51 anos de prisão; a mãe, a 48 anos.

Além da extrema crueldade contra inocentes indefesos, os dois casais de covardes têm algo mais em comum: nenhum deles vai cumprir a totalidade da sentença na cadeia, porque a legislação "penal" não permitirá que isso aconteça. No Brasil, o máximo que um condenado pode ficar trancafiado é 40 anos, e nem esse teto é cumprido, tantas são as benesses da nossa lei frouxa, que agracia, inclusive, os criminosos mais sórdidos e repugnantes.

Os benefícios da legislação tinham de ser concedidos aos condenados que realmente têm condições de ressocialização. Quem é capaz de atrocidades como tortura, estupro e assassinato de crianças e adolescentes jamais deveria voltar às ruas, tinha de ficar enjaulado até o fim da sua lamentável existência. Mas, como penas de caráter perpétuo são vedadas pela Constituição, ao menos as sentenças impostas nos tribunais deveriam ser cumpridas em sua totalidade atrás das grades, sem regalia de nenhuma ordem.

Infelizmente, o Brasil parece estar longe de dar um destino exemplar a predadores de meninos e meninas. Se realmente fossem justas, nossas leis respeitariam as vítimas, não contemplariam seus algozes.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** ***sredat.df@dabr.com.br***

Populismo autoritário

Excelente a palestra do professor de Harvard, Steven Levitsky, coautor do livro *Como as democracias morrem*, no Senado. Segundo ele, existem hoje 12 democracias na América e poucas ditaduras, como a Venezuela. Mas há o risco da eleição de governos populistas autoritários, que odeiam a democracia. Para ele, esse fenômeno teria como causas: crise econômica, aumento da violência e da corrupção e falta de resposta aos anseios da população. Fatores que levariam as pessoas à frustração, a achar que os partidos e políticos são iguais e a ficarem receptivas a aventureiros que usam mídias sociais para criticar elites e partidos e se venderem como novidade. Levitsky analisou a tentativa de Trump, em 6/1/2021, e de Bolsonaro, em 8/1/2023, de anular, à força, as eleições e se manter no poder. Ele explica que as instituições brasileiras são sólidas e reagiram de forma rápida e consistente aos invasores e seus líderes, inclusive Bolsonaro, que estão sendo processados e punidos. Já nos EUA, a reação das instituições foi fraca e não impediu a volta de Trump. Para ele, o fato de os EUA nunca terem sido uma ditadura deixa a sociedade sem memória, sem referência para ver os sinais de perigo e sem meios de defesa da democracia.

» **Ricardo Pires**
Asa Sul

Trump

É uma tremenda desfaçatez e uma cara de pau sem limites a de um chefe de Estado que apoia a fome dos desgraçados da Faixa de Gaza e persegue com ódio os imigrantes em seu país querer se arvorar de um arauto na defesa dos direitos humanos em todo o planeta. E o que mais me impressiona é que existem milhares de brasileiros, "com o complexo de vira-lata", que apoiam e aplaudem essa atitude megalomaníaca do presidente americano.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

Soberania

Devido ao caloroso e espinhoso atual ambiente belicoso entre Brasil e Estados Unidos, não há como separar o anúncio de Lula de socorro às empresas exportadoras afetadas pelo tarifaço chantagista de Trump de 50% de um clima político. O apoio do governo federal enfatiza a defesa da soberania. Os bicos afiados, mas calados, entre Lula e Trump renderam inegáveis grãos eleitorais a Lula. Nessa linha, se a vigorosa carta do governador Ibaneis Rocha ao presidente dos Estados Unidos defendendo Brasília, e salientando ser político de direita e adversário de Lula, for bem acolhida por Trump, é forte indício de que estará nascendo valioso canal de negociações entre o Brasil e a Casa Branca. Algumas arestas e má vontade de Trump poderão ser removidas. Aguardemos qual será a reação do conselheiro informal de Trump para intrigas e torpezas, o deputado fujão, Eduardo Bolsonaro.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

As bets e as plataformas digitais estão com a "Felca" no pescoço!

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Precisamos adultizar, com urgência, nossos parlamentares rebeldes, amotinados, inconsequentes, traquinas, infantilizados.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Toda vez, eu fico procurando as tais velhinhas com bíblias nas mãos que os bolsonaristas tanto falam nas imagens e nunca as acho, nem os vendedores de algodão-doce. Engraçado!

James Moura — Brasília

O clima em Brasília vai continuar quente durante o dia e esfriando à noite. O efeito acontece por causa de uma massa de ar seco que faz o tempo mais frio.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

A maior economia do mundo não pode ter pobreza. Solução trumpista: retirem de Washington todas as pessoas em situação de rua. Higienização socioeconômica.

Rafael Vieira — Brasília

Trump mentiu muito sobre a violência em Brasília. Seria verdadeiro se citasse Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, onde as forças de segurança não livram a cara de ninguém, principalmente se for preto e pobre.

Maria Germana — Rio de Janeiro

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*